

Revista

FAMECOS

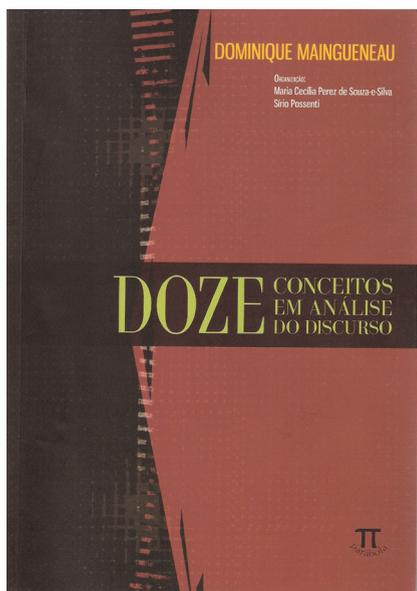
mídia, cultura e tecnologia

Resenha

Em busca da compreensão das práticas discursivas

DAIANE BERTASSO RIBEIRO

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da UFRGS/RS/BR. <daiabertasso@yahoo.com.br>



MAINGUENEAU, Dominique.

Doze conceitos em análise do discurso.

São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

Falar em discurso tem se tornado recorrente nas pesquisas acadêmicas e inclusive nas conversas cotidianas, já que, a cada dia, tem aumentado as possibilidades de visibilidade da produção e circulação das mais diversas práticas discursivas. Os diferentes tipos de discursos, enunciados por sujeitos de modo individual ou por meio de suas instituições, estão presentes em um número cada vez maior de dispositivos, em diversas mídias, redes sociais (*orkut, twitter, facebook, etc.*), *sites* institucionais, *blogs, etc.* Esse aumento na circulação e visibilidade das práticas discursivas incita-nos a buscar modos de compreendê-las, por meio de nossas pesquisas acadêmicas.

Neste sentido, o livro *Doze conceitos em análise do discurso*, do pensador francês Dominique Maingueneau, se propõe a revisar os

conceitos da Análise do discurso, a fim de atualizá-los de acordo com o cenário discursivo acima descrito. O autor revisa em doze capítulos esses doze conceitos centrais, bem como os seus desdobramentos: Aforização; Autor; Campo discursivo; Crítica (Análise); *Ethos*; Gênero; Hipergênero; Imagem de autor; Paratopia; Polifonia; Registro; Situação de Enunciação.

Em *Doze conceitos em análise do discurso* Maingueneau revisa sua teoria-método, que já possui essa característica inovadora de estar sendo constantemente avaliada e ampliada por ele próprio. Por essa razão, cabe observarmos que essa obra não possui uma característica introdutória dos conceitos trabalhados, mas sim de continuidade das suas obras anteriores. Desse modo, destacamos alguns pressupostos da teoria desse pensador.

A Análise do discurso proposta por Maingueneau (1997, 2008) está ligada às teorias pragmático-enunciativas. Para Maingueneau (2008a, p. 19), o discurso é “um sistema de regras que define a especificidade de uma enunciação”. O autor elabora sete hipóteses para o estudo dos discursos, sendo que a primeira hipótese é a central de toda a sua obra, que é o primado do interdiscurso em relação ao discurso, inscrita em uma perspectiva de uma heterogeneidade constitutiva, a qual amarra o Mesmo do discurso e seu Outro, aproximando-se do “princípio dialógico” de Bakhtin que expressa o caráter constitutivo da interação enunciativa.

Maingueneau (2008a) atribui a essa orientação um quadro metodológico, e ao falar de “interdiscurso” propõe a tríade – “universo discursivo”, “campo discursivo” e “espaço discursivo”: * Universo discursivo: “conjunto de formações discursivas de todos os tipos que interagem numa conjuntura dada” (2008a, p. 33); * Campos discursivos: “conjunto de formações discursivas que se encontram em concorrência¹, delimitam-se reciprocamente em uma região determinada do universo discursivo” (2008a, p. 34); * Espaços discursivos: “subconjuntos de formações discursivas que

o analista, diante de seu propósito, julga relevante pôr em relação” (2008a, p. 35). Maingueneau (2008a) explica a necessidade de delimitação de espaços discursivos devido à heterogeneidade de modalidades das relações entre as diversas formações discursivas de um campo.

Desse primado pelo interdiscurso é que Maingueneau retoma o *ethos* retórico de Aristóteles em *Análise do discurso*, principalmente nos trabalhos desde a primeira edição francesa de *Gênese dos discursos* (1984) e *Análise de textos de comunicação* (1998).² No conceito do autor, o enunciador se atribui uma posição institucional e marca sua relação a um saber, que também se deixa apreender como uma voz e um corpo (figura do enunciador), que se traduz também no tom, tanto no escrito quanto no falado.

Desse modo, o *ethos* discursivo é parte constitutiva da cena de enunciação e, como nos diz Maingueneau (2008c, p. 75), ele possui o mesmo estatuto que o vocabulário ou os modos de difusão que o enunciado implica por seu modo de existência. É por meio do *ethos* que o “coenunciador” está convocado a um lugar, o qual está inscrito na cena de enunciação. Para Maingueneau (2008b, p. 70) esta “cena de enunciação” é composta por três cenas: * Cena englobante: “atribui ao discurso um estatuto pragmático, ela o integra em um tipo: publicitário, administrativo, filosófico [...]” (2008b, p. 70); * Cena genérica: “é a do contrato associado a um gênero ou a um subgênero de discurso: o editorial, o sermão, o guia turístico, a consulta médica [...]” (2008b, p. 70); * Cenografia: “ela não é imposta pelo gênero, mas construída pelo próprio texto: um sermão pode ser enunciado por meio de uma cenografia professoral, profética, amigável, etc.” (2008b, p. 70).

Apresentadas essas premissas da teoria de Maingueneau, sintetizamos a partir de agora os principais aspectos abordados no livro *Doze conceitos em análise do discurso*.

Aforização – Maingueneau questiona se os enunciados aforizantes, ou seja, aqueles que estão destacados de seus textos e contextos são enunciados sem texto? Para ilustrar

esses tipos de enunciados o autor se refere às práticas discursivas da imprensa, como a ênfase para frases de governantes em títulos de reportagens, ou frases de entrevistados em destaque do corpo do texto, indicando que são enunciados que possuem a pretensão de produzir sentidos para além do texto.

Autor – Maingueneau trabalha a noção de autor observando que esta é indissociável da noção de texto. Considerando a problemática envolta na definição do que é um autor, Maingueneau (2010, p. 26) o caracteriza como uma categoria híbrida, que implica ao mesmo tempo o texto e o mundo do qual este texto participa: “o autor é uma instância que enuncia (atribui-se-lhe um *ethos* e a responsabilidade de alguns gêneros de textos, em particular os prefácios), mas também certo estatuto social, historicamente variável”. Maingueneau também considera as produções textuais na internet, que segundo ele colocam em questão a própria noção de autor.

Campo discursivo – Maingueneau amplia neste capítulo suas discussões a propósito do campo literário, de como esse campo se constitui e se mantém. A respeito das relações que se estabelecem nesse campo, o autor coloca que “o campo é o espaço em que se definem as trajetórias efetivas dos escritores, que estão constantemente reajustando suas estratégias em função da maneira como evolui sua posição” (Maingueneau, 2010, p. 52).

Crítica (Análise) – Neste capítulo o autor reflete a respeito das condições de uma análise crítica do discurso. Desse modo, ao apresentar resumidamente os autores fundadores da chamada Análise Crítica do Discurso – ACD (N. Fairclough, T. Van Dijk, R. Wodak, Th. Van Leeuwen), Maingueneau considera que a Análise do discurso por si só, por sua natureza, já possui uma dimensão crítica: “Não se pode opor uma análise do discurso que não teria nenhuma dimensão crítica e uma ACD que se caracterizaria por uma finalidade crítica explicitamente assumida” (Maingueneau, 2010, p. 64).

Ethos – Maingueneau traz neste capítulo um texto inédito a respeito da noção de ethos e apresentação de si para pensar os sites de relacionamento. Sobre essa questão o autor observa ainda que “a porosidade é grande entre anúncios e textos literários ou publicitários, que se destacam de uma base comum: o das estratégias de *apresentação de si*”. [grifos do autor] (Maingueneau, 2010, p. 81).

Gênero – Para tratar a questão do gênero, Maingueneau problematiza neste capítulo a historicidade de um gênero de discurso – o sermão. “Partindo do postulado de que os gêneros discursivos são realidades radicalmente históricas, compararemos dois sermões separados por três séculos – um de 1702, outro de 2008 –, ambos tratando da ‘mesma’ temática, imposta pelo calendário litúrgico: a Assunção” (Maingueneau, 2010, p. 102). A análise desse gênero do discurso religioso nos permite pensar a complexidade envolta em um gênero e a necessidade de se levar em consideração questões como as condições de comunicação no tempo e no espaço determinados, bem como as lógicas do campo discursivo em que se analisa um determinado gênero.

Hipergênero – Estabelecendo ainda relações com a questão do gênero do discurso, neste capítulo Maingueneau trabalha hipergênero, gênero e internet. Para tanto, ele faz uma distinção entre os vários gêneros e os relaciona com os componentes da “cena de enunciação” e os tipos de textualidade, considerando a internet. Por meio dessas relações Maingueneau (2010, p. 138) observa: “Assim, podemos compreender melhor a razão pela qual as produções da Web são resistentes à clássica concepção de gênero em análise do discurso”. Razão pela qual o autor considera que na textualidade da internet, de “navegação”, a cena genérica não possui importância central, sendo o que prevalece o hipergênero e a cenografia.

Imagem de autor – A afirmação de que não há autor sem imagem circunscreve este capítulo, no qual Maingueneau nos coloca que se pode questionar a utilidade do

conceito “imagem autoral” quando se dispõe dos conceitos de “ethos” e “postura”. Em relação a essa questão Maingueneau observa que essa problemática parece não trazer nada de novo, entretanto, a problemática do “ethos” concentra-se na enunciação e a da “postura” privilegia as estratégias de posicionamento em um campo. Já a construção da imagem de autor, seja vivo e/ou póstumo, “é elaborada na confluência de seus gestos e de suas palavras, de um lado, e das palavras dos diversos públicos que, a títulos diferentes e em função de seus interesses, contribuem para moldá-la” (Maingueneau, 2010, p. 144).

Paratopia – Neste capítulo Maingueneau retoma seu conceito de paratopia e aquilo que ele chama de suas “sombras”. Para tanto, explica resumidamente a relação anteriormente estabelecida entre paratopia e “discurso constituinte”. Este último diz respeito aos discursos que só podem se autorizar por si mesmos, que não tem outros discursos acima deles, como o discurso da ciência, da religião, da filosofia. Entretanto outros discursos, como por exemplo, o discurso jornalístico recorre às autoridades que representam esses discursos constituintes para construir sua credibilidade. Assim sendo, os discursos constituintes são por natureza discursos paratópicos. Já outros discursos que se colocam com a mesma pretensão dos discursos constituintes, mas não possuem o mesmo nível de autonomia, são considerados suas “sombras”, como o caso do discurso político e o publicitário.

Polifonia – Maingueneau considera neste capítulo o provérbio como um discurso relatado e um caso de polifonia, bem como os seus desvios. A enunciação proverbial retoma as palavras de todos os outros que já relataram tal provérbio, de modo impessoal, já que não recorre a uma referência específica e o locutor/enunciador também não se coloca como autor do mesmo: “[...] assiste-se na polifonia proverbial à mistura da voz do locutor com todas as vozes que antes dele proferiram o mesmo adágio” (Maingueneau, 2010, p. 172).

Registro – Maingueneau inclui neste capítulo o polêmico na lista dos registros (como o trágico, o épico, o satírico, etc.) que designam o conjunto de traços linguísticos que podem estar associados a um discurso. A respeito do registro polêmico em um discurso Maingueneau observa a necessidade de considerar as três dimensões do polêmico, a dimensão enunciativo-pragmática (corrente pragmática e semiótica); a dimensão sociogenérica (inspirada na análise do discurso, na história e na sociologia); e a dimensão semântica (exige uma reflexão parafilosófica sobre o sentido e antropológica sobre a subjetividade).

Situação de Enunciação – No último capítulo Maingueneau revisa o conceito de situação de enunciação e cena de enunciação, fazendo diversas distinções. O autor delimita dois planos que auxiliam na análise: o “Plano do Enunciador Elementar” em que está a situação de enunciação (enunciador/coenunciador e não pessoa) e a situação de locução (locutor/alocutário e delocutor); e o “Plano do Texto” em que está a situação do discurso, com o ponto de vista externo (situação de comunicação) e o ponto de vista interno (cena de enunciação – cena englobante; cena genérica; cenografia). Sobre essas delimitações o autor considera: “A distinção entre o plano linguístico e o plano textual, de um lado; a consideração da diversidade dos tipos e dos gêneros de discurso, de outro, deveria incitar os analistas do discurso a limitar o emprego de tais categorias” (Maingueneau, 2010, p. 207).

A abordagem teórico-metodológica de Maingueneau no livro *Doze conceitos em análise do discurso* expressa algumas transformações ocorridas na análise do discurso nas últimas décadas, bem como a flexibilidade do autor para modificar os conceitos trabalhados e receber críticas. Do mesmo modo, este livro revela-se inovador no campo da análise do discurso e demonstra a potencialidade desta para proporcionar a compreensão da complexidade de gêneros e tipos de discursos e de relações interdiscursivas e intertextuais estabelecidas pela variedade de práticas discursivas que ganham visibilidade na sociedade global. ●

REFERÊNCIAS

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. 3. ed. Campinas, SP: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997.

_____. *Gênese dos discursos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008a.

_____. *Cenas da enunciação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008b.

_____. Ethos, cenografia, incorporação. 2008c. In: AMOSSY, Ruth (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2008c.

_____. *Análise de textos de comunicação*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008d.

NOTAS

¹ “ ‘Concorrência’ deve ser entendida da maneira mais ampla; ela inclui tanto o confronto aberto quanto a aliança, a neutralidade aparente etc. entre discursos que possuem a mesma função social e divergem sobre o modo pelo qual ela deve ser preenchida” (Maingueneau, 2008a, p. 34).

² As edições brasileiras que estamos utilizando aqui estão nas referências bibliográficas em Maingueneau (2008a, 2008d).